



A ESPERANÇA COMO NECESSIDADE ONTOLOGICA DO EDUCADOR: NOTAS FILOSÓFICAS SOBRE PAULO FREIRE

LA ESPERANZA COMO NECESIDAD ONTOLOGICA DEL EDUCADOR: NOTAS FILOSÓFICAS SOBRE PAULO FREIRE

Erison de Sousa Silva

Doutorando em Filosofia pelo PPGFIL/UFC. Docente da Rede Estadual do Ceará - SEDUC-CE.
erison.sousa@hotmail.com

Resumo

A Esperança é fundamental para o processo de transformação da sociedade, de acordo com o pensamento de Paulo Freire, que atuando nas relações concretas, as modifica através de um projeto: um sonho. Seguindo à esteira deste pensamento, Paulo Freire a entende como necessidade ontológica fundamental para a mudança da sociedade e o educador atua como mediador desse processo. Diante desses pressupostos teóricos, o presente trabalho objetiva analisar o motivo da Esperança ser uma necessidade ontológica para o educador. É neste sentido que há a necessidade de retomar os pressupostos filosóficos que definem essas duas categorias, se utilizando principalmente da leitura de Tomás de Aquino, autor que não é estranho à Paulo Freire e que debate de modo qualificado e filosófico os conceitos. Diante disso, há alguns questionamentos que podem ser feitos: 1. Como a Esperança, enquanto conceito da tradição filosófica, se relaciona com uma pedagogia engajada como a freiriana? 2. Por que Paulo Freire se utiliza do termo ontología para debater sobre sua pedagogia? Para responder estes questionamentos um referencial teórico se faz necessário, diante disso será utilizada as obras *Pedagogia da Esperança* e *Pedagogía del Oprimido* de Paulo Freire, a IIaIIae da *Suma teológica* de Tomás de Aquino e a obra *Tomás de Aquino e Paulo Freire* de Carlos Josaphat. Seguindo o caminho apontado e com o auxílio da bibliografia determinada, o escopo do trabalho será alcançado.

Palavras-Chave: Esperança. Ontología. Paulo Freire

Resumen

La Esperanza es fundamental para el proceso de transformación de la sociedad, de acuerdo con el pensamiento de Paulo Freire, quien, al actuar en las relaciones concretas, las modifica a través de un proyecto: un sueño. Siguiendo esta línea de pensamiento, Paulo Freire la entiende como una necesidad ontológica fundamental para el cambio de la sociedad, y el educador actúa como mediador de este proceso. Ante estos presupuestos teóricos, el presente trabajo tiene como objetivo analizar por qué la Esperanza es una necesidad ontológica para el educador. En este sentido, surge la necesidad de retomar los fundamentos filosóficos que definen estas dos categorías, apoyándose principalmente en la lectura de Tomás de Aquino, un autor conocido por Paulo Freire, que aborda de manera cualificada y filosófica estos conceptos. Frente a esto, se plantean algunas preguntas: ¿Cómo se relaciona la Esperanza, como concepto de la tradición filosófica, con una pedagogía comprometida como la de Freire? ¿Por qué Paulo Freire utiliza el término ontología para debatir sobre su pedagogía? Para responder a estas preguntas, es necesario un marco teórico. Por ello, se utilizarán las obras *Pedagogía de la Esperanza* y *Pedagogía del Oprimido* de Paulo Freire, la IIaIIae de la *Suma Teológica* de Tomás de Aquino y la obra *Tomás de Aquino y Paulo Freire* de Carlos Josaphat. Siguiendo el camino señalado y con el apoyo de la bibliografía establecida, se alcanzará el objetivo del trabajo.

Palabras-LLave: Esperanza. Ontología. Paulo Freire

1. Introdução

“A esperança é uma necessidade ontológica”, eis a frase de Paulo Freire na sua **Pedagogia da Esperança**, que mostra uma condição sem a qual não é possível um fazer educativo engajador. Ontologia é um termo que aqui podemos entender como articulação ineliminável entre a esperança e o ser educador¹, no qual o segundo não existiria sem o primeiro. É sumário entender que por educador estamos definindo o que se engaja na luta do oprimido, talvez o único realmente autêntico dentro de uma realidade de classes, como a atual, principalmente diante das contradições acentuadas do capitalismo. É neste sentido que se torna imperativo despertar um debate qualificado sobre a esperança enquanto conceito filosófico, devida a importância dada ao tema pelo nosso patrono da educação. Devemos problematizar, enquanto pensadores e professores da filosofia, como o conceito de esperança pode se articular com a tradição filosófica teórica e com uma prática do educador que enxerga a realidade pela óptica do oprimido.

Dois questionamentos que podem ser suscitados são: 1. Como a Esperança, enquanto conceito da tradição filosófica, se relaciona com uma pedagogia engajada? 2. Por que Paulo Freire se utiliza do termo ontologia para debater sobre sua pedagogia? O primeiro questionamento é qualificado quando entendemos que na própria tradição filosófica há aparato conceitual que entenda a esperança como algo necessariamente engajador. À título de pensar a tradição que aprofunda o estudo da esperança, mergulharemos na teoria tomista² que nos ajuda a refletir como ela é necessariamente engajadora, enquanto conceito ético. E o segundo questionamento nos traz a importância de entender que optar pelo fazer educativo engajado necessariamente traz a necessidade de trazer à tona a realidade e o fazer do oprimido, conceito que vai ser abordado a partir do recorte do “humanizador universal”. Sendo enquadradada em tal proposta que objetivamos analisar essa relação ontológica entre educação e esperança.

¹ Estamos aqui nos apropriando dos conceitos apresentados por Lukács sobre a ontologia do ser social enquanto articulação fundamental entre ser social e natureza (Cf. LESSA, 2015, p. 16).

² A *Suma teológica* de Tomás de Aquino é citada do seguinte modo no texto: *ST* (Suma Teológica) seguida da Parte e Seção (IaIIae), seguido da questão (q.) e artigo (a.). À título de exemplo *ST IIaIIae, q.17, a.3*, ou seja, Segunda seção da segunda parte da Suma teológica, questão 17, artigo 3.

2. A Esperança é um conceito filosoficamente engajador?

A esperança é um conceito filosófico de larga extensão, que traz aspectos da ética e que alcança uma maturidade ontológica na filosofia de Santo Tomás de Aquino. Ele a coloca como uma virtude teologal que traz o ponto mais alto de sua ética na Suma Teológica. O princípio básico da ética tomista é que onde se encontra o ato bom do ser humano, este ato corresponde a uma virtude, que por sua vez torna bom o que a possui, fazendo o mesmo com a sua ação. No presente trabalho é importante ter como ponto focal a relação entre esperança e sociedade, no sentido que é tão comum aos conceitos freirianos. Logo, podemos aproximar a visão tomista de esperança com essa realidade social ao entender que a virtude em questão se manifesta em conjunto com os outros pela união através do amor. *“a esperança diz respeito diretamente ao bem próprio do sujeito e não, ao que pertence a outrem. Mas, pressuposta a união de amor com outrem, então podemos desejhar esperar um bem para outrem, como para nós mesmos”* (ST IIaIIae, q.17, a.3).

Mas a esperança como ação filosófica não pode apenas unir pelo amor enquanto realidade social, isso seria apenas uma parte do conceito. Em uma sociedade no qual há uma clara divisão entre oprimidos e opressores, no qual o conceito de humanidade está resumido nos ideais do segundo grupo é necessário que a esperança, encarada de modo realmente filosófico deve entender a necessidade de esperar no outro a possibilidade de mudança. Reconhecendo as limitações teóricas de Tomás de Aquino, principalmente ao se comparar com um autor engajado como Paulo Freire, é importante apontar essa outra relação em sua ética que coaduna com o pensamento freiriano: o de esperar no ser humano. No caso de Tomás de Aquino com a possibilidade de alcançar a bem-aventurança eterna (*Idem*, a.4). Essa possibilidade de alteridade do alcance de um fim, de estar com o outro para isso, abre espaço para pensar que é com o outro, e somente com ele, que há a possibilidade de alcançar um fim. A luta não é apenas de um oprimido isolado, mas de todos.

À guisa de introdução, podemos entender que tanto para Paulo Freire como para a concepção tomista, há uma teleologia, um bem futuro que não é fácil e que há a necessidade ontológica de ter esperança, pois mesmo que seja difícil ainda é possível. *“Com efeito, o objeto da esperança é o bem futuro difícil, mas possível de ser adquirido. Portanto, para que alguém espere é preciso que o objeto da esperança lhe seja proposto como possível”* (*Idem*, a.7). Podemos dizer que Paulo Freire avança mais na consecução desse fim último quando ao analisar as relações que fazem com que ele não seja algo visto como possível. Mas o que pretendemos no presente tópico do

trabalho é apenas demonstrar que Paulo Freire, dentro de uma relação indireta faz aproximações com um debate qualificado da esperança e que a tradição filosófica já traz um suporte para entendermos que a esperança possibilita que os sonhos se mantenham e os objetivos sejam atingidos. Por fim, é importante lembrar com o pensamento de Paulo e Tomás que a esperança está em um apetite superior que é o da vontade (*Idem*, q.18, a.1), então não se trata apenas de esperar em Deus ou que os oprimidos se revoltem, mas de criar condições, através da vontade, para essas mudanças serem possíveis.

Em resumo, a teoria da Esperança desde Tomás de Aquino é sempre uma teoria engajada e que envolve aspectos ontológicos e éticos, de modo que as categorias se coadunam. Não tem como falar de alcançar algo além do *status quo* sem ter a esperança como guia, o tornando ontologicamente necessária nas teorias que procuram uma mudança o que só é possível, como demonstra Tomás, quando há uma união estabelecida pelo amor e pela amizade, entendidos como laços que igualam os sujeitos. Em uma pedagogia que traz os oprimidos como protagonistas é impossível não pensar em esperar neles, pois como afirma Leonardo Boff: “(...) *ela [a esperança] implica uma denúncia das injustiças sociais e das opressões que se perpetuam ao longo da história. E ao mesmo tempo anuncia a capacidade humana de desfatalizar esta situação perversa e construir um futuro eticamente mais justo, politicamente mais democrático, esteticamente mais irradiante e espiritualmente mais humanizador*” (2023, p. 11). É essa esperança enquanto necessidade ontológica para a transformação que torna possível o inédito viável.

3. Oprimido como agente da mudança e humanizador universal

A realidade em que estamos inseridos é a do desumanizador, no qual as relações sociais de trabalho, por serem mercantis, que no capitalismo são a regra, não faz com que haja relações humanas. Interessante perceber que é um processo de transformação do ser humano em mercadoria, e que é terceirizado para os oprimidos, que assimilam essas relações como as únicas possíveis. Integra suas necessidades, suas vidas e seus discursos. Enquanto o oprimido não mudar sua situação ele não é capaz de sair e exprimir juízos sobre as suas necessidades, reproduzindo um discurso que não lhe cabe dentro da realidade concreta. Podemos pensar com Marcuse que “*sobre quais necessidades devem ser falsas ou verdadeiras só pode ser respondida pelos próprios indivíduos, mas apenas em última análise; isto é, se e quando eles estiverem livres para dar a sua própria resposta*” (MARCUSE, 1973, p. 27). Ou seja, só há a possibilidade

do oprimido se tornar ciente das suas necessidades concretas reais quando percebe sua situação de opressão.

A luta do oprimido não é apenas uma luta contra os opressores, mas contra a desumanização perpetrada pelo sistema de opressão. Isso só é possível quando ao buscarem recuperar a humanidade usurpada, em um processo que também a cria, não se sentem como opressores. Podemos afirmar que o oprimido se torna um humanizador universal, pois ao sair da situação de opressão busca uma realidade que restaure a humanidade aos oprimidos e ao opressor, que ao realizar os mecanismos de opressão se tornam desumanos. *“E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos - libertar-se a si e aos opressores”* (FREIRE, 2020, p. 41). Por isso, a luta do oprimido é um ato de amor (*Idem*, p. 43), que em seu êxtase ético tem o mesmo sentido que Tomás de Aquino apresenta: *“No amor de amizade, porém, a afeição de um sai absolutamente para fora dele, porque quer o bem para o amigo e trabalha por ele como se estivesse encarregado de prover às suas necessidades”* (ST, IaIIae, q.28, a.3). É neste ato de amor que podemos entender o oprimido que luta pela humanização de todos, pois no processo de se humanizar estende a humanização verdadeira para todos em um ato de comunidade.

O problema real aparece quando se pensa o modo como os oprimidos que assimilaram o opressor dentro de si serão capazes de se desprender das amarras que o prendem ideologicamente. Isso só é viável mediante a descoberta de serem hospedeiros do opressor, o que permitirá o partejamento de sua pedagogia libertadora, que só pode ser elaborada pelos condenados da terra. O desafio maior é o fato de que a estrutura de pensamento do oprimido está condicionada pela contradição de que ser humano é ser opressor, por estarem imersos no que acham ser a única realidade possível - a opressão. A emersão desta situação é dolorosa e apresenta uma dificuldade que traz um rompimento com uma realidade que antes era tida como única, mas ao se libertar o faz para todos por romper com a lógica que antes o dominava. *“A libertação, por isto, é um parto. É um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos”* (FREIRE, 2020, p. 48). Obviamente essa ascensão dos oprimidos será dificultada pelos opressores a todo custo, de modo que será imposta uma unidimensionalidade que verá a realidade opressora como situação limite, quase impossibilitando o pensar além dela.

É neste sentido que a pedagogia do oprimido aparece como ferramenta crítica contra essa realidade, e por ser apenas ferramenta não é a chave para a solução de todos os problemas, mas um meio para que ele possa realmente ser entendido por quem interessa -

os oprimidos. Por isso não se trata de explicar, mas de dialogar - lembrando do conceito que envolve agir, falar, ouvir e culturalizar que envolve afeto com o campo epistemológico do outro. Isso deve provocar uma inserção crítica das massas na sua realidade através da práxis. Isso se trata de uma pedagogia que se empenha na libertação que inicia com o saber-se oprimido e é animada pela generosidade humanista. É uma luta para a criação de uma nova estrutura destruidora da opressão, existente externamente pelos diversos instrumentos de opressão; e internamente pela assimilação dos ideais dos opressores e os tendo como ideais humanos ou da realidade como situação limite.

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação. (FREIRE, 2020, p. 57)

É entendendo essa situação em que o oprimido não pode se tornar opressor, mas deve, em um ato de amor, libertá-lo que se busca a necessidade de ter a esperança. Uma esperança que não espera, mas é práxis contínua do educador, muito mais, condição de ser daquele que acredita na possibilidade de uma sociedade livre da opressão e de seus mecanismos. A plena libertação do qual o novo ser humano aparece como *ser mais* que não está preso na situação limite imposta. É necessário entender que isso só é possível se os instrumentos ideológicos dessa transformação tiver a esperança como necessidade ontológica, na qual sem ela tudo se torna impensável e irá recair em um pessimismo reacionário.

4. Esperança como Necessidade Ontológica para o Educador

A construção de uma nova realidade é sempre a partir dos oprimidos, capazes de libertar a todos da opressão, mesmo o que opõe que é esmagado pela ideologia opressora e destruidora de relações verdadeiramente humanas. No entanto, inegável que um sistema que traz em si traços de situação limite e que se revoluciona constantemente impedindo uma nova visão do inédito viável faz disso uma dificuldade enorme. *“A burguesia não pode existir sem revolucionar continuamente os instrumentos de produção, portanto as relações de produção e, assim, o conjunto das relações sociais”* (MARX; ENGELS, 1997, p. 32). Esse tipo de situação histórico-concreta gera uma desesperança naturalizada entre aqueles que pensam em uma melhoria para a sociedade, mas que só conseguem ver a possibilidade de mitigação do sofrimento

frente aos aspectos do capital. Para o educador, que aparece na obra freiriana como instrumento para ascensão crítica do oprimido – capaz de em diálogo fazê-lo refletir sobre a própria realidade – essa desesperança é um problema de ordem ontológica.

Entendendo o educador como ser em finalidade de uma atividade que sempre busca o seu aperfeiçoamento ao qual tem por realidade a mudança de uma situação. O professor é necessariamente um aparato de crítica social, de uma realidade possível que se instrumentaliza através do seu próprio ser. Ser esse que tem como objetivo, pelo menos em sala de aula ou nos espaços educativos, trazer alguma melhoria para a situação concreta dos educandos, mostrando caminhos possíveis para a superação de uma mentalidade do opressor reproduzida pelo oprimido. Ontologicamente o educador necessita da esperança para perceber que um inédito viável é realizável dentro da realidade dos “condenados da terra”, em uma necessária luta para tornar essa realidade melhor. É assim que a desesperança, que imobiliza e paralisa diante da aceitação do que está posto, se torna um desvio de ordem ontológica para o educador, que independente da área faz a sua luta para desvelar o real diante das ilusões acríticas e cômodas.

(...) não entendo a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor, sem esperança e sem sonho. A esperança é necessidade ontológica; a desesperança, esperança que, perdendo o endereço, se torna distorção da necessidade ontológica. Como programa, a desesperança nos imobiliza e nos faz sucumbir no fatalismo em que não é possível juntar as forças indispensáveis ao embate recriador do mundo (FREIRE, 2023, p. 14)

É um imperativo existencial-histórico do professor ser esperançoso, pois ela traz as condições e possibilidades de percepção de uma outra realidade possível. Mas de qual esperança estamos falando? De uma esperança a que Freire denomina como Esperança crítica, pois acreditar que a esperança apenas é capaz de mudar o mundo é ingênuo e no primeiro sinal de decepção pode recair em seu desvio ontológico, a desesperança, pessimismo e fatalismo. A Esperança crítica é aquela ancorada na prática, que enquanto necessidade ontológica pode se tornar concretude histórica. Ela é necessária para iniciar um embate de desvelamento de uma falsa realidade única. “*Uma das tarefas do educador ou educadora progressista, através da análise política, séria e correta, é desvelar as possibilidades, não importam os obstáculos, para a esperança (...)*” (Idem, p. 16).

É nessa pedagogia da esperança que o aspecto ontológico do educador se aflora, ao perceber que há uma realidade que é inalterável, mesmo diante dos discursos ideológicos do neoliberalismo: as classes sociais. O processo de esperança se inicia com o reconhecimento da existência dessa realidade no sistema capitalista e de que o oprimido entende, a partir do

“saber de experiência feito” (*Idem*, p. 39) de que lado ele está. É a partir desse momento que surge a esperança em reconhecer que há a possibilidade de superação, mas não existe uma linguagem universal que faça com que a realidade seja aceita unanimemente por isso a necessidade de o educador ir transformando *o*, *ao* e *com* o povo. Então o saber de experiência feito demanda uma leitura de mundo de natureza política que o supera e a possibilidade dessa superação que o educador alicerça o seu ser.

O sonho, como efeito da esperança em um inédito viável é o que torna possível a mobilidade contra o determinismo. Homens e mulheres em um permanente processo de tornar-se educador crítico são capazes de perceber o mar de possibilidades que se abrem em uma realização concreta. Sonhar é um ato político necessário e uma conotação da forma histórica do estar sendo da humanidade. Uma nova realidade só é possível na tensão entre a denúncia de um presente que é cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro que deve ser construído política, estética e eticamente. O educador, necessariamente esperançoso, ajuda na crítica e no anúncio desse porvir, que é determinado historicamente, visto que não há estagnação na realidade. O sonho proveniente da esperança é uma hipóstase necessária para que o educador realize seu ser. Para concluir com as palavras de Paulo Freire:

Fazendo-se e refazendo-se no processo de fazer a história, como sujeitos e objetos, mulheres e homens, virando seres de inserção no mundo e não da pura adaptação ao mundo, terminaram por ter no sonho também um motor da história. Não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança. (FREIRE, 2023, p. 126)

Considerações finais

O educador alicerça o seu ser na possibilidade de mudança, possível apenas com o sonho, o pensar além do real posto. Para se ter um sonho há a necessidade de ter esperança no diferente e no porvir, isso que move a história e a realidade. O educador engajado jamais se encontra no mundo apenas para aceitá-lo, assim como não aparece como finalidade da educação, mas como instrumento crítico capaz de humanizar a realidade a partir da visão do oprimido. Neste sentido, não há como ter esperança se ela não for engajada, entender a possibilidade de um mundo melhor por meio da educação é necessariamente aderir práticas e ideias que possibilitem essa realidade, pois o inédito é completamente viável. Entende-se que Paulo Freire se utiliza da frase “*a esperança é uma necessidade ontológica*” exatamente por não haver um hiato entre a prática educativa, crítica e racional sem haver esperança de que a

realidade possa ser outra. Superar a ideia de que há uma situação limite alicerça o ser do educador, assim como expõe as suas causas e ações éticas, estéticas e políticas.

À guisa de conclusão pode ser respondida, após as reflexões propostas pelo artigo as duas questões que foram abordadas na introdução. Ao iniciar pela primeira, a saber: como a Esperança, enquanto conceito da tradição filosófica, se relaciona com uma pedagogia engajada? Podemos perceber com as reflexões de Tomás de Aquino que a esperança é uma virtude teologal que não abre margem para não ser engajada, pois ela necessariamente entender que algo deve ser feito, através da relação com a vontade, para que um fim seja atingido. Ela se torna uma reflexão pedagógica a partir do momento que para Tomás há a necessidade do melhoramento conjunto do ser humano através do amor. Amor esse que através do êxtase ético atinge os demais com a esperança de uma bem-aventurança. É necessário ter esperança, Tomás de Aquino torna sua ética necessariamente engajada, quando no prólogo da parte dois da *Suma teológica* aplica sua visão de que o homem é necessariamente a imagem de Deus, logo, pode ter a certeza de que pode agir de um modo melhor.

Afirma Damasceno que o homem é criado à imagem de Deus, enquanto o termo imagem significa *o que é dotado de intelecto, de livre-arbítrio e revestido por si de poder*. (...) deve-se considerar agora a sua imagem, a saber, o homem, enquanto ele é o princípio de suas ações, possuindo livre-arbítrio e domínio sobre suas ações. (*STIaIIae*, Prólogo)

É se utilizando desse prólogo como base que Carlos Josaphat afirma que se inicia uma via de diálogo direta com Freire, pois assume o ser humano como criativo e livre, sem grandes determinismos terrenos que faça sua vontade se esvair, mas o mundo permite que a realize. Logo, para o Josaphat essa perspectiva está distante “(...) de todo moralismo, que lindeza de existentialismo humano e evangélico. Pois abre caminhos para uma educação e uma pedagogia da liberdade, da esperança e do amor” (2016, p. 190-191). É seguindo este caminho, no ser humano que se utiliza da liberdade para amar ao próximo e mudar a sua realidade em direção a alguma mudança, que ela se relaciona diretamente com uma pedagogia engajada.

Mas, seguindo à esteira das questões propostas na introdução, por que Paulo Freire se utiliza do termo ontologia para debater sobre sua pedagogia? Isso é claro pelo fato do fazer pedagógico não poder ser separado da esperança da mudança e superação de uma situação limite, no qual o oprimido se torne o humanizador universal. O educador desesperançoso é um desvio ontológico que separa seu agir de seu ser, uma impossibilidade no real, logo, um não-educador. Não há como um ser humano diante da realidade e que faz uma atividade necessariamente crítica não ter esperança no que há por vir, uma Esperança

crítica que pensa a realidade concreta e a estratégia capaz de realizar a função do oprimido de libertar a realidade opressora e unidimensional imposta. Pensar o educador é pensar na esperança de um mundo ser apresentado, de várias possibilidades serem consideradas e avaliadas, mas não impostas. Toda essa prática envolve uma democracia argumentativa que vê o educador como mediador, do universo que o educando se encontra, para o que ele pode encontrar.

É neste sentido que Paulo Freire nos evoca a estudar, analisar e ensinar a realidade de modo direto, demonstrando que um sonho não é apenas uma mera abstração. A partir do que é apresentado como realidade limitante, um sonho se apresenta como propedêutica para o inédito viável e defender esse sonho, torná-lo reflexivo com a opressão existente e com os sujeitos que são sofredores da realidade crua e destrutiva na qual estão submetidos. A pedagogia deve ser a da esperança, pois não há diferença da relação entre fazer educativo e esperanças em relação ao futuro melhor, por isso o estudo e as estratégias desse sonho ser uma apresentação dialógica do educador com os educandos. Eis o convite de Paulo Freire para estudar a realidade e suas possíveis apresentações, a Esperança consiste em uma ação da vontade, logo, devemos ser o máximo convincente na defesa do que acreditamos ser a melhor realidade, a humanizada pelo oprimido (2023, p. 182).

Referências Bibliográficas

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** 33^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 74^aed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.
- JOSAPHAT, Carlos. **Tomás de Aquino e Paulo Freire: pioneiros da inteligência, mestres geniais da educação nas viradas da história.** São Paulo: Paulus, 2016.
- LESSA, Sérgio. **Para compreender a Ontologia de Lukács.** 4 ed. São Paulo: Instituto Lukacs, 2015.
- MARCUSE, Hebert. **A Ideologia da Sociedade Industrial.** 4^aed. Trad. Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1973.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista.** 2^aed. Lisboa: Avante, 1997.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. **Suma teológica: volume 3: I seção da II parte: questões 1-48: a bem-aventurança: os atos humanos: as paixões da alma.** 3^a ed. Trad. Carlos Josaphat Pinto de Oliveira. São Paulo: Edições Loyola, 2021.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. **Suma teológica: a fé, a esperança, a caridade, a prudência: volume 5.** 6^aed. São Paulo: Edições Loyola, 2021.

Data da submissão: 30 Abr 2025.

Data do aceite: 01 Ago 2025.



Esta obra está licenciada sob licença Creative Commons Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/legalcode.pt>).